

Artigos

Reflexões acerca da migração e da diáspora africana na biografia de Mahommah Gardo Baquaqua

Reflections on migration and the African diaspora in the biography of Mahommah Gardo Baquaqua

Vinicius Marangon¹ , Anselmo Peres Alós¹ 

¹ Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão acerca das noções de migração, diásporas e fronteiras, com base em Friedman (2007), na biografia de Mahommah Gardo Baquaqua, bem como discute a importância da obra para a construção e ancoragem de uma memória coletiva acerca dos horrores vividos pelos escravizados, a partir das contribuições de Halbwachs (1990). Além disso, reflete-se, a partir de Woodward (2000), sobre a formação identitária desse sujeito em migração compulsória e, a partir de Vertovec (2004), acerca dos efeitos da colonização na vida e na visão de mundo do biografado. Em linhas gerais, o estudo evidencia que o testemunho de Mahommah permite repensar o passado histórico envolvendo a escravização e ressignificá-lo no presente, dada a raridade e importância de um relato que, apesar da intervenção de um mediador branco, oferece uma perspectiva interna dos acontecimentos envolvendo a escravização em solo brasileiro.

Palavras-chave: Migração; Diáspora; Fronteiras; Mahommah Gardo Baquaqua

ABSTRACT

Enlightened by Friedman (2007), this work proposes a reflection on the notions of migration, diasporas, and borders in the biography of Mahommah Gardo Baquaqua. The value of Mahommah's biography to the construction and anchoring of a collective memory of the horrors experienced by the enslaved is discussed based on Halbwachs (1990). Furthermore, this work takes Woodward's (2000) contributions into account to discuss the identity formation of an individual under compulsory migration, as well as the effects of colonialism (Vertovec, 2004) in both the subject's life and understanding of the world. In a few words, the results show that Mahommah's testimony allows us to rethink the historical past concerning enslavement and resignify it in the present, given the rareness and importance of a report that, despite the intervention of the white moderator, offers an inside perspective of the facts regarding the enslavement in Brazil.

Keywords: Migration; Diaspora; Borders; Mahommah Gardo Baquaqua

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que ocorre com os escravizados em países de língua inglesa, que deixaram diversos testemunhos na forma de biografias e relatos, a biografia de Mahommah Gardo Baquaqua é um dos poucos textos a apresentar as experiências de um escravizado em solo brasileiro. O texto narra a vida de um homem que foi escravizado na África Ocidental, em 1840, e, cerca de cinco anos depois, foi transportado para o Brasil em um dos famigerados navios negreiros, para, logo mais, em 1847, alcançar a liberdade nos Estados Unidos, durante passagem pelo porto de Detroit, no estado de Michigan, em uma das viagens comerciais de seu escravizador, quando consegue fugir e é acolhido por representantes do movimento abolicionista americano e pelas autoridades locais (Lovejoy, 2002). Diante da escolha entre refugiar-se na Inglaterra ou no Haiti, Mahommah opta pela segunda opção, em razão do clima haitiano ser mais próximo ao de sua terra natal, o que, para ele, “seria melhor para sua saúde e sentimentos” (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 11, § 12).

A maioria dos estudos feitos a respeito da biografia de Mahommah inserem-se na área de História e debruçam-se sobre questões como identidade, etnicidade e relações de poder. No âmbito dos estudos literários, os poucos estudos sobre a biografia problematizam, sobretudo, a autoria na obra, uma vez que foi escrita com a mediação de Samuel Moore, um ativista americano branco, dinâmica comum no movimento abolicionista estadunidense. A mediação de Moore torna-se evidente pelo uso prevalente da terceira pessoa do singular para se referir ao biografado, à exceção de pequenos excertos em primeira pessoa e sinalizados por aspas. Além disso, os capítulos iniciais da obra assumem tom etnográfico, registrando, de forma bastante sintética, alguns detalhes sobre a cultura e a geografia africanas, com foco na terra natal do ex-escravizado, e apresentam comentários feitos por Moore, que compara alguns costumes europeus e africanos em tom apreciativo, imprimindo ideologias colonialistas e marcadamente evangelizadoras (Nuto, 2017).

Embora impossível de ser ignorada, a problematização da autoria, quando deixada de lado, abre espaço para outras reflexões possíveis acerca do testemunho contido na referida biografia. Tendo isso em vista, este trabalho aborda a biografia de Mahommah Gardo Baquaqua a partir das noções de migrações, diásporas e fronteiras, conforme abordadas por Friedman (2007), bem como discute a importância da obra para a construção e ancoragem de uma memória coletiva sobre os horrores vividos pelos escravizados, com base em Halbwachs (1990). Em consonância com esses objetivos principais, a obra também será utilizada como ponto de partida para refletir a respeito da formação identitária desse sujeito em migração compulsória, tendo por base as contribuições de Kathryn Woodward (2000) e Vertovec (2004). Tal proposta se justifica em razão do caráter singular da biografia de Mahommah para pensar a diáspora africana e o recente passado escravocrata brasileiro, cujos impactos perduram até hoje.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentam-se, em linhas gerais, alguns conceitos caros para a reflexão proposta, que dão título às subseções seguintes.

Migração

Para Friedman, os sujeitos em *migração* formam um grupo diverso, composto por 'refugiados, cosmopolitas, exilados, diaspóricos, peregrinos, nômades, colonos, estrangeiros, viajantes, turistas, trabalhadores emigrantes', entre outros (Friedman, 2007, p. 264). Nos estudos que se voltam para literaturas de estados ou regiões cujas culturas derivam de processos migratórios intensos, a migração constitui um importante paradigma para a abordagem de expressões literárias que representam identidades formadas em trânsito, em meio ao processo de adaptação aos novos espaços. Do século XIX até o XXI, a discussão da migração, pelos estudos literários, principalmente no contexto americano, resultou em pesquisas que tinham por objeto

“narrativas de assimilação; choques culturais; identidades interligadas; conflitos geracionais; casamentos inter-raciais; e filiações nacionais, étnicas ou religiosas em disputa” (Friedman, 2007, p. 264). Recentemente, contudo, esses estudos têm dado atenção às formas transnacionais de migração, com foco no “espaço global de viagem incessante e conexão intercontinental” (Friedman, 2007, p. 264).

Os estudos de migração da atualidade abrangem, portanto, um conjunto plural de narrativas, que abordam tanto as migrações motivadas pelo desejo de uma vida melhor em outra nação quanto aquelas compulsórias, resultantes de processos de exílio político, higienização étnica, genocídio, trabalho escravo, entre outros. Em contraste com a migração do período colonial, em que colonizadores passaram a ocupar as terras dos países conquistados (do Reino Unido para os EUA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África), estabelecendo-se como elites detentoras da hegemonia política e ideologicamente racistas, no período pós-colonial, há a migração reversa, quando pessoas negras e pardas, por exemplo, migraram para países europeus. Essa migração reversa resultou, segundo Friedman, na internacionalização da literatura de língua inglesa na Grã-Bretanha, cujas narrativas passaram a tematizar uma variedade de tópicos, tais como

[...] a nostalgia migratória e auto-adaptação, movimentos de ida e volta, identidades miscigenadas, conflitos de gênero e sexualidade e tensão entre grupos culturais distintos frequentemente homogeneizados com o rótulo de ‘pretos’ em seus novos lares (Friedman, 2007, p. 266).

Essa realidade leva a literatura desses países atravessados pela migração a assumir o caráter migratório, permitindo questionar se considerar a literatura produzida por imigrantes como assimilada à literatura de seus novos países não seria uma simplificação. No campo das ciências sociais, a migração foi contemplada por diferentes olhares e postulados teóricos, dentre os quais se destacam: a teoria da modernização, cuja atenção se volta para as motivações individuais para

migração e as questões de agência e tomada de decisão, dando ênfase para o apelo que a modernidade, se comparada com a tradição, apresenta; a teoria histórico-estruturalista, que aborda as forças sistêmicas diante das quais a agência do sujeito migrante é constrangida; e os modelos transnacionais, que abrangem a discussão de fenômenos tais como a globalização, a desterritorialização e seus efeitos, os impactos dos meios de comunicação e transporte emergentes, bem como as discussões envolvendo as concepções de nacionalidade e fronteiras. Alguns teóricos defendem que os estudos literários da modernidade são inseparáveis das questões levantadas pelas ciências sociais acerca da migração, argumentando, por exemplo, que a dinâmica da inadequação é intrínseca tanto à migração quanto à modernidade, assim como a metáfora da jornada e as figuras do estrangeiro têm ocupado lugar central nas representações modernas. Na mesma esteira, teóricos como Papastergiadis acreditam que modelos sociológicos, tais como o marxismo, precisam ser superados para compreender a migração, dando lugar a questões de subjetividade e agência, bem como de tradução cultural, o que insere os estudos sobre a migração em uma dinâmica que leva em conta práticas linguísticas e culturais, bem como a semiótica presente nos processos de hibridação cultural (Friedman, 2007).

Diásporas

De origem grega, a palavra *diáspora* era inicialmente utilizada para designar o processo pelo qual os colonizadores gregos, ao se estabelecerem em outros lugares do mundo mediterrâneo, expandiam o poder econômico, político e cultural daqueles que permaneceram na terra natal. Nos estudos literários, o termo é utilizado sobretudo para designar os coletivos expulsos, exilados ou removidos à força de suas terras natais. Para Friedman, a diáspora se distingue pelo fato de envolver “tipos específicos de migração que desencadeiam anseios particulares por uma terra natal perdida”, sendo “migração mais perda, desejo e comunidades amplamente dispersados unidas por uma memória e um senso de história durante um longo período de tempo” (Friedman, 2007, p. 268).

Não raro, a história de opressão compartilhada por um povo inteiro resulta em um laço, entre os membros da comunidade, cuja força deriva do sofrimento e das tradições que preservam. O caráter coletivo das diásporas é seu elemento mais distinto. Além disso, é distintivo que o vínculo existente entre os membros dessas comunidades dispersas resulte do apego emocional a uma terra natal circunscrita a um território específico. Ironicamente, esse vínculo ganha força mediante o processo de desterritorialização e distanciamento do lugar de origem. Para dar conta dessas particularidades da diáspora, Friedman recorre ao conceito de “comunidades imaginadas”, de Benedict Anderson, através do qual reconhece a relevância da consciência coletiva para a formação de uma nação-estado e para a definição de diásporas. Através do que Anderson chama de comunidades imaginadas, no seio das quais a história coletiva é preservada, as diásporas garantem a continuidade do vínculo com a terra natal e com os conterrâneos, apesar da desapropriação de seus espaços e dos esforços de assimilação cultural que enfrentam nos novos territórios. Atualmente, o termo diáspora também pode se referir a processos de migração não compulsória, a exemplo daquelas comunidades que se instalam em outros países em decorrência do sucesso nos negócios ou daqueles que deixam seus países voluntariamente, em decorrência de divergências religiosas, linguísticas, de classe, entre outras (Friedman, 2007).

Contudo, Friedman lembra que a definição de diáspora não é estável, levando os estudiosos do fenômeno a questionar a sua natureza, os critérios envolvidos na classificação de grupos ou experiências como diaspóricas, a relação entre diáspora e exílio, o quão positivas ou negativas são as diásporas, se são distópicas ou utópicas, a política envolvida e, de forma central, a relação existente entre diáspora e conceitos como nação, nacionalismo, nação-estado, (des)territorialização e transnacionalismo. Com uma abordagem relacional que merece destaque, Clifford fundamenta sua argumentação a partir das “tensões ou contradições que um conjunto de diferentes formações diaspóricas compartilham”, que orbitam uma tensão central entre raízes e rotas. As culturas diaspóricas seriam o resultado do entrelaçamento entre as raízes

que preservam coletivamente seu passado, cultura e memória da terra natal e as rotas pelas quais migram e se estabelecem em novas sociedades, um “espaço híbrido entre movimentos separatistas e assimilacionistas”, presentes nas experiências ambíguas de adequação à cultura dominante, e um vínculo ainda presente com a terra natal (Friedman, 2007, p. 269).

Ao tratar da centralidade dos estudos sobre as diásporas judaica e africana, Friedman aponta que elas estão interligadas historicamente, já que as consciências diaspóricas dos povos africanos estabelecem analogias com as narrativas bíblicas de exílio da diáspora judaica. Com uma história longa de diásporas recorrentes, os judeus construíram uma subjetividade amparada em práticas culturais compartilhadas ao redor do globo, nas diversas novas terras em que se estabeleceram, ao mesmo tempo em que Israel preservava seu status de terra natal imaginada e real. Em decorrência de tamanha pluralidade de experiências diaspóricas, a diáspora judaica, para alguns autores, está longe de representar somente uma experiência negativa e compulsória de migração, mas também inclui um caráter positivo, como, por exemplo, a ideia de que os judeus são um povo cuja terra natal corresponde às escrituras bíblicas, e a de que seus novos lares se constituem como lugares procurados e valorizados em decorrência da grande troca cultural e comercial ocasionada por sua presença (Friedman, 2007).

A diáspora africana funda-se no fortalecimento do sentimento de negritude e na percepção da África como uma grande terra natal perdida, proporcional aos devastadores processos de escravização que tomaram lugar no continente. Os movimentos sociais que começaram na década de 1920 e se estendem até o presente também contribuíram consideravelmente para a formação da diáspora africana. Superando as noções de raça e os limites de nações específicas, os estudos sobre a diáspora negra passaram a adotar uma perspectiva transnacional, a partir da qual alguns estudiosos identificam o antigo Egito como o ponto zero da diáspora negra, enquanto outros entendem que a etnicidade da diáspora negra ainda está em formação e tem origem mais tardia, com a escravização (Friedman, 2007).

O autor também aponta para a porosidade que os limites entre as diásporas e outras formas de migração têm adquirido, sobretudo em decorrência do reconhecimento da complexidade das diásporas e das diferenças entre elas, mas também por conta do fato de que os estudiosos das diásporas são, eles mesmos, indivíduos que, embora vivam fora de suas terras natais, desfrutam, muitas vezes, de privilégios sociais que colocam em cheque o potencial de suas narrativas representarem genuinamente uma comunidade diaspórica.

Fronteiras e transnacionalismo

Friedman observa uma tendência, nos estudos que abordam o conceito de fronteiras, de ultrapassar as noções de fronteiras literais entre nações-estado e sua manutenção, bem como o controle, as indicações de nacionalidade e as estruturas de inclusão e exclusão que se fortalecem com a defesa das fronteiras físicas pelos poderes bélicos e legislativos, para lançar olhos para “as dimensões metafóricas das fronteiras e das zonas fronteiriças como tropos para os padrões regulatórios e transgressivos na ordem social e cultural” (Friedman, 2007, p. 273). Esse movimento encontra sentido no fato de que as fronteiras, sejam literais ou metafóricas, são intrinsecamente contraditórias: servem para separar e unir, são absolutas quando estabelecidas, mas se modificaram ao longo do tempo, oferecem proteção e oprimem, protegem e aprisionam, representam a lei e também são palco de transgressão e subversão; “elas insistem em pureza, distinção, diferença, mas facilitam a contaminação, a miscigenação e a criouliização” (Friedman, 2007, p. 273). Nesse sentido, as fronteiras operam como linhas que dividem e unem diferenças, tais como aquelas relativas ao gênero, à raça e à sexualidade, refletidas nos estudos feministas, étnicos, pós-coloniais e *queer*. Vertovec (2004) aponta que os estudos sobre transnacionalismo e migração descrevem fatos da organização social, ou seja, debruçam-se sobre

[...] a função e a natureza de redes sociais através de fronteiras, famílias, ambientes domésticos, comunidades étnicas e associações, as relações

de poder relacionadas a gênero e status social, instituições religiosas e práticas, padrões de intercâmbio econômico e estruturas políticas (Vertovec, 2004, p. 971).

Nessa perspectiva, a transformação social é resultado do quanto as condições dos lugares envolvidos nessa dinâmica transnacional afetam as formas de organização anteriormente citadas, bem como “os valores, atividades e estruturas relacionais que as sustentam” (Vertovec, 2004, p. 971). O autor ressalta que, embora os impactos do transnacionalismo contribuam significativamente para alargar, aprofundar e intensificar as transformações sociais já em andamento, não são responsáveis por instaurá-las. Como exemplo, cita a cada vez maior abrangência das redes, o maior número de atividades desenvolvidas através de longas distâncias, a facilidade e a velocidade de deslocamento como formas do transnacionalismo que, apesar de importantes, não são necessariamente propulsoras de mudanças sociais mais profundas, embora possam contribuir significativamente para que ocorram. Ou seja, de forma cumulativa, as práticas transnacionais acabam por transformar a vida cotidiana de pessoas ao redor do mundo nos domínios perceptivo, conceitual e institucional (Vertovec, 2004).

Memória

Em *A memória coletiva* (1990), Maurice Halbwachs estabelece uma intersecção entre a psicologia social e a sociologia para elaborar uma teoria que dê conta da dinâmica entre memória individual e memória coletiva. Em linhas gerais, o autor compreende a formação da memória como dependente da manutenção de um vínculo com os grupos de referência em que o indivíduo se insere, fundamentais para a conversão de lembranças em memórias vivas. Esses grupos estão fundados nos laços afetivos existentes entre seus membros, sem os quais a formação de lembranças não seria possível, uma vez que o desapego afetivo com o grupo leva ao esquecimento daquelas memórias que eram preservadas pelo grupo. Uma vez que a lembrança depende de um esforço de reconstrução do passado em função de um quadro atual de interesses,

situando-se em um quadro espaço-temporal, com a mediação das relações sociais, o trabalho de reconstrução e reconhecimento realizado pela memória atualiza esses quadros sociais.

A BIOGRAFIA DE MAHOMMAH BAQUAQUA

Para conduzir a reflexão acerca da obra em discussão, utilizando-se dos conceitos acima apresentados, é interessante observar, em primeiro lugar, o contexto de origem de Mahommah, já plural no que concerne à religiosidade e à nacionalidade, uma vez que seus pais eram oriundos de regiões distintas na África e possuíam divergências na esfera religiosa, conforme fica explícito nos trechos abaixo:

Ele conta que os seus pais eram de nações diferentes. O seu pai era nativo de Bergu (de descendência árabe) e não era muito escuro. A sua mãe era nativa de Kashna, com pele muito escura, inteiramente negra. O seu pai era uma pessoa séria e silenciosa; a sua religião era a muçulmana (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 1, § 1).

Os pais dele, como foi afirmado antes, eram de tribos ou nações diferentes. O pai dele era da religião maometana, mas a sua mãe não tinha nenhuma religião. Ele afirma: “a minha mãe era tão boa quanto muitos cristãos daqui que gostam de ser chamados de cristãos, mas não gostam muito de adorar a Deus. Ela gostava muito do maometismo, mas não ligava muito para a parte do culto”. Os maometanos são muito mais adoradores do que os cristãos. Aparentemente adoram com mais zelo e devoção (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 7, § 2).

No primeiro excerto, essa diferença entre os pais de Mahommah é relatada inteiramente na terceira pessoa do singular, mas, no segundo, temos uma citação direta de Mahommah. No primeiro, que se encontra no capítulo de abertura da biografia, deparamo-nos com a mediação mais direta de Moore e ficamos sabendo sobre a religião muçulmana do pai de Mahommah, informação que, associada às

suas características comportamentais, serve para marcar uma diferença inicial entre genitor e genitora. Contudo, é apenas mais adiante, no capítulo 7, de onde foi retirado o segundo trecho, que ficamos sabendo sobre a orientação religiosa da mãe, desta vez em uma citação direta do relato de Mahommah, e chama a atenção, sobretudo, o olhar já embebido do cristianismo com que o biografado descreve a conduta da figura materna, comparando-a com os cristãos americanos para estabelecer uma avaliação positiva. Essa valoração positiva da cultura cristã remete àquilo que Clifford definiu como um movimento assimilacionista. É interessante refletir que os movimentos de cunho separatista, na biografia em questão, não ficam marcados senão pela visão algo negativa acerca dos ritos daqueles que permaneceram em sua terra natal, envolta por uma certa noção de caridade cristã que reflete o lugar de superioridade do colonizador e o dever de salvação cristã cultivado pelos cristãos, de modo que a identidade de Mahommah, conforme retratada em sua biografia, apresenta prevalência de tendências assimilacionistas.

As marcas do colonialismo e do eurocentrismo estão presentes em alguns comentários feitos por Moore, principalmente nos capítulos iniciais da biografia, que esboçam um caráter etnográfico. Em alguns trechos, por exemplo, o mediador das memórias de Mahommah descreve o sistema penal para o assassinato e o adultério. É interessante notar que, no caso dos assassinos, a escravidão estava prevista como punição. No caso em questão, porém, uma diferença se apresenta: o escravizado tinha a opção de solicitar juntar-se ao exército do rei se não estivesse contente com a posição. Contudo, ao comparar a escravidão existente na África ao comércio de escravos praticado pelos europeus, Moore observa:

No que diz respeito à escravidão na África, a maior fonte de miséria para a África é o seu sistema de escravidão, que é realizado de forma ampla, mas a escravidão doméstica na África não é nada se comparada a esta. O comércio de escravos é muito horrível. Os escravos são tirados do interior e transportados para o litoral, onde são trocados por rum e

tabaco e outras mercadorias. Este sistema de escravidão causa muito derramamento de sangue e conseqüente miséria (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 6, § 18).

Nesses capítulos, podemos perceber que, embora abolicionista, o tom adotado pelo autor também apresenta as marcas do pensamento colonial, manifesto principalmente pelos desejos de salvação do povo africano através da doutrina cristã. Conforme a nomenclatura proposta por Vertovec (2004), ao discorrer sobre o transnacionalismo, pode-se dizer que um dos efeitos da colonização na vida de Mahommah é que o ex-escravizado tenha uma visão bifocal do mundo, lamentando a perda de sua terra natal e condenando os atos dos escravizadores, mas atribuindo valor positivo à religião cristã, à qual aderiu justamente pela condição de escravizado.

O testemunho de Mahommah também deixa entrever o característico anseio diaspórico pela terra natal, conforme descrito por Friedman (2007), como é possível perceber no trecho abaixo, no qual Baquaqua relata sua chegada em Dohama, uma cidade africana que visitou antes de ser levado ao Brasil:

Quando chegamos, comecei a perder as minhas últimas esperanças de voltar para a minha casa, mas até este momento tinha esperança de fugir e de ver mais uma vez o meu lugar de origem, de um jeito ou de outro, mas enfim, a esperança cedeu; o seu último raio parecia desvanecer e meu coração se entristeceu e cansou dentro de mim, conforme eu lembrava da minha casa, da minha mãe! Eu a amava muito ternamente e a ideia de nunca mais vê-la acrescentou muito às minhas confusões mentais. Eu me sentia triste e solitário, onde quer que eu fosse, e meu coração se afundava dentro de mim, quando pensava nos “velhos amigos do lar” (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 8, § 15).

No trecho acima, é interessante perceber como o anseio de Mahommah pela terra natal, intensificado diante da impossibilidade do retorno, está representado ao máximo na figura da mãe e dos “velhos amigos do lar”, demonstrando a confluência

do afastamento geográfico em relação ao lugar de origem e do afastamento social e afetivo com a comunidade de origem para a constituição do sentimento diaspórico que, no caso de Mahommah, emerge de uma migração compulsória. Seja pela impossibilidade de manutenção desses vínculos, como ocorreu nos casos de migração compulsória resultante da escravização, ou pelo livre contato de que desfrutavam aqueles que migram voluntariamente, o sentimento diaspórico resulta do laço que se mantém entre o sujeito migrante, sua terra natal e os membros da comunidade de origem. No caso de Mahommah, vítima da escravização, os movimentos assimilacionistas que o fazem incorporar tanto da religiosidade cristã de seus algozes justificam-se pelo pouco acesso a conterrâneos. Ao sair de Dohama e chegar em Grafe, cidade vizinha, Mahommah tem seu último encontro com um concidadão, que reconhece sua origem pelo corte de cabelo típico dos habitantes de Zugu, logo antes de embarcar no navio negreiro com destino ao Brasil.

A presença dos movimentos assimilacionistas citados anteriormente também é percebida no trecho a seguir, quando o biografado se utiliza de um argumento cristão para refletir acerca da ilogicidade do preconceito racial:

Algumas pessoas supõem que o africano não tem os sentimentos mais nobres dentro do seu peito e que o leite da bondade humana não corre em sua composição: isso é um erro, um erro do tipo mais grosseiro; os sentimentos que animaram toda a raça humana vivem dentro das criaturas negras da zona tórrida, assim como nos habitantes das zonas temperada e frígida, os mesmos impulsos o motivam para a ação, o mesmo sentimento de amor se mexe em seu peito, os mesmos sentimentos maternos e paternos estão lá, as mesmas esperanças e medos, as mágoas e as alegrias, de fato tudo está lá como no resto da humanidade. A única diferença é a cor deles e isso foi preparado por aquele que criou o mundo e tudo que existe: os céus, as águas do poderoso oceano, a lua, o sol e as estrelas, o firmamento e tudo o que foi feito desde o início até agora. Portanto, por que alguém desprezaria as obras das suas mãos que foram feitas e formadas de acordo com o seu

poder Todo-Poderoso, na plenitude de sua bondade e misericórdia? Ó desprezadores das obras divinas, olhem para vocês mesmos, e cuidado, que aquele que pensa estar em pé preste atenção para não cair (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 8, § 15).

Apesar da incorporação de tais crenças cristãs em seu discurso, a narrativa de um dos seus primeiros contatos com o cristianismo deixa claro o modo compulsório pelo qual tais ritualísticas foram impostas a Mahommah:

Era um católico romano e fazia com que a família dele fizesse adorações regularmente duas vezes por dia, da seguinte forma: ele tinha um grande relógio carrilhão na entrada da casa no qual estavam algumas imagens feitas de barro, que eram usadas na adoração. Nós todos tínhamos que nos ajoelhar diante delas; a família na frente e os escravos atrás. Fomos ensinados a cantar algumas palavras das quais não sabíamos o significado. Também tínhamos que fazer o sinal da cruz várias vezes. Durante a adoração, o meu senhor segurava um chicote e aqueles que mostravam sinais de desatenção ou sonolência, eram imediatamente despertados por uma aplicação aguçada do chicote. Isso normalmente acontecia com a escrava, que frequentemente dormia diante das imagens, cruzeiros e outras peças religiosas de entreter (Moore; Baquaqua, 2018-2020, n.p, Cap. 9, § 6).

A forma como Mahommah incorpora os valores cristãos ao seu discurso remete ao caráter relacional da identidade, apontado por Woodward (2014). Em *Identidade e diferença* (2000), a autora apresenta uma compreensão da diferença como critério para a constituição da identidade. A partir desse princípio, a identidade é relacional e depende de uma identidade alheia para existir. Para a autora, a identidade é, ainda, atravessada por símbolos que servem para distingui-la das demais. Sendo assim, a identidade é social e simbólica. Um exemplo prático dos efeitos desse caráter simbólico e social da identidade encontra-se na constituição das identidades femininas, já que, às mulheres, são atribuídas, socialmente, “posições de sujeito” que têm por referência

as identidades masculinas. Outro exemplo está na valorização de certas identidades em detrimento de outras, como é o caso quando se fala de identidades marcadas pela diferença étnica. De acordo com Woodward (2000), a discussão das questões relativas à identidade e à diferença requer atenção para os mecanismos que operam entre elas, na forma de sistemas classificatórios e questões sociais que se materializam em exclusão e inclusão de sujeitos em determinadas identidades. O fato de que identidades e diferenças são suscetíveis a tais mecanismos evidencia que não são conceitos estáveis, mas relativos.

Assim se dá na formação identitária que podemos entrever na biografia de Baquaqua, uma vez que, apesar do contexto autoritário em que foi apresentado aos rituais católicos, e das críticas que dirige aos preconceitos de seus carrascos, o aprendizado dessa religiosidade se deu através dos mecanismos que operam entre a diferença e a identidade, que se adequa ao contexto social e suas dinâmicas de inclusão e exclusão. É interessante, contudo, que Mahommah utilize dos argumentos cristãos para, justamente, criticar a incoerência entre o comportamento dos escravizadores e os princípios religiosos sobre os quais dizem operar, como quem precisa, para sobreviver, aprender os ditames de um processo do qual é a vítima.

No que concerne à memória, conforme abordada por Halbwachs (1990), é inegável o valor da biografia de Mahommah Gardo Baquaqua, mesmo com as questões de autoria envolvidas, uma vez que, como um dos poucos relatos de escravizados que passaram pelo Brasil, a obra resgata as vivências desse passado obscuro, especialmente para os sujeitos negros que, hoje em dia, procuram retomar e reconhecer os acontecimentos que tiveram lugar durante o período escravocrata no Brasil, permitindo, inclusive, reconstruir quadros sociais que são, frequentemente, negados ou silenciados.

Para Halbwachs (1990), o potencial de atualização do presente através da reconstrução do passado ganha ainda mais impulso diante do testemunho, que permite ao depoente confrontar a si mesmo, comparando sua visão atual com

as experiências, opiniões e depoimentos de terceiros para construir o seu próprio testemunho. Esse testemunho pode também estabelecer diálogo com outros sujeitos, tanto aqueles presentes fisicamente quanto aqueles evocados pelos pontos de vista diversos que, internalizados pelo autor do testemunho, compõem o relato. Ou seja, as experiências do presente e do futuro também dependem da retomada realizada pela memória, em um movimento de atualização do testemunho em função de um diálogo mais recente. Desse modo, entre memória individual e memória coletiva estabelece-se uma dinâmica de mão dupla: as lembranças coletivas evocam os quadros sociais em que estão ancoradas, enquanto os testemunhos individuais regulam os limites das imagens coletivas. Consequentemente, o passado deixa de ser imutável e passa a ser constantemente reconstruído e significado a partir da atualização incessante resultante da interação entre memória individual e memória coletiva.

O testemunho de Mahommah abre portas para que repensemos o passado histórico envolvendo a escravização e o ressignifiquemos no presente em um diálogo atualizado com essa voz individual que, tão rara, oferece uma perspectiva interna dos acontecimentos envolvendo o sequestro e o tráfico humano que teve lugar em um passado tão próximo. Esse potencial de rememoração é particularmente intenso justamente porque o relato de Baquaqua abriga esses múltiplos pontos de vista, tanto da vivência africana que precedeu à escravização quanto dos processos pelos quais a assimilação do cristianismo teve lugar na história de vida do biografado. Com isso, as experiências individuais servem, conforme apontado por Halbwachs, como âncoras para a construção de uma memória coletiva que dá conta de um passado que, sistematicamente, foi alvo de apagamento e silenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se aqui refletir acerca do papel fundamental que uma biografia como a de Mahommah Gardo Baquaqua desempenha para a compreensão da formação inicial da diáspora africana, que, inegavelmente, tem suas raízes no período da escravização.

Para isso, a questão da autoria, já bastante discutida, foi posicionada em segundo plano, sem, contudo, perder a relevância para a leitura da obra, uma vez que as marcas do pensamento colonialista e branco do mediador transparecem ao longo de toda a narrativa, inclusive naqueles trechos em primeira pessoa, que, supostamente, seriam uma reprodução direta da fala de Baquaqua.

A mistura dessas duas vozes na narrativa sinaliza o quão escassa é a literatura autoral que dá conta da memória desses sujeitos escravizados, sobretudo quando se trata da realidade brasileira. Contudo, o valor que a obra assume para que se possa manter viva a memória dos horrores vividos pelos escravizados é evidente, especialmente nos capítulos que dão conta do sequestro, transporte e comércio escravista desses indivíduos.

Como consequência disso, a discussão que pode ser feita acerca da biografia de Mahommah encontra limitações claras, já que grande parte da obra está contaminada pela voz do mediador branco e estadunidense, cuja formação social impede que tenhamos acesso a uma verdadeira noção de identidade de Mahommah.

REFERÊNCIAS

LLOVEJOY, P. E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, Salvador, v. 1, n. 27, p. 9-39, 2002.

MOORE, S.; BAQUAQUA, M. G. Tradução de Fábio R. de Araújo. **Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua**. Nova Orleans: IAP, 2018-2020. E-book (não paginado).

NUTO, J. V. C. Vozes d'África: autoria e relações de poder em duas autobiografias de escravos. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 5., 2015, Lecce. **Atas [...]**. Lecce: Università del Salento, 2017. p. 2287-2296. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/18209/15546>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FRIEDMAN, S. S. Migrations, Diasporas and Borders. In: NICHOLLS, D. (ed.). **Introduction to Scholarship in Modern Languages and Literature**. New York: MLA, 2007. p. 260-293.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: Silva, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

VERTOVEC, S. Migrant transnationalism and modes of transformation. **International Migration Review**, Oxford, v. 38, n. 3, p. 970-1001, 2004.

Contribuição de Autoria

1 - Vinícius Marangon

Mestre em Letras (UFSM), estudante de Doutorado em Letras (UFSM), com bolsa CAPES-DS.

<https://orcid.org/0000-0002-8483-2132> - vinicius.marangon@acad.ufsm.br

Contribuição: Conceituação, Escrita – primeira redação

2 - Anselmo Peres Alós

Doutor em Letras (UFRGS), Professor do Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Santa Maria.

<https://orcid.org/0000-0003-2062-2096> - anselmoperesallos@gmail.com

Contribuição: Conceituação, Escrita – revisão e edição

Como citar este artigo

MARANGON, V.; ALÓS, A. P. Reflexões acerca da migração e da diáspora africana na biografia de Mahommah Gardo Baquaqua. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e85052, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X85052>. Acesso em: dia mês ano